

LIVRO, um mercado que não se espanta com a crise. Jornal de Domingo, Campinas, 23 jun., 1985.

A constatação surpreende: quem acredita que o mercado editorial vem padecendo as agruras da crise econômica, engana-se. Se por um lado a produção literária, beneficiada pelos ventos das mudanças políticas implantadas no País, vai se acelerando, o universo de leitores parece caminhar na mesma proporção. Um crescimento até certo ponto vagaroso, como ponderam os livreiros, mas que já demonstra uma gradual mudança de comportamento de uma população que viveu quase 20 anos no mais completo obscurantismo cultural.

— O livro não sentiu a crise de perto, observa Milton Cornacchia, da Livraria Papyrus. E isso é até fácil de se explicar, pois quanto mais caros ficam os programas de lazer, a tendência é substituí-los por outras atividades, como no caso a leitura. Além do que, prossegue Milton, nos últimos anos pudemos notar que até mesmo o público que frequenta as livrarias vem mudando. Se antes estes locais eram visitados unicamente por um elite intelectual, atualmente a frequência é bem diversa desde jovens a donas de casa.

E nem mesmo o fato de algumas livrarias terem fechado suas portas nos últimos anos pode, segundo Milton, ser considerado um sintoma de queda de vendas no setor. “O que ocorreu”, explica, “é que os que saíram do mercado foram sendo gradualmente substituídos por outros. Uma espécie de renovação natural que existe em todos os setores da atividade comercial”.

Mas a reativação do mercado editorial abriu também novos horizontes para os que atuam nesta área: No caso da Papyrus, a criação de uma editora própria vem confirmar a tendência de que o livro vem reconquistando seu espaço. Fundada há três anos, a Editora Papyrus já conta com 55 títulos publicados e com uma distribuição que abrange todo o País. “Nossa proposta foi a de criar um espaço para aproveitar os autores de Campinas — que acabavam indo editar livros fora daqui” — explica Milton.

#### Até computador

Como a Papyrus, outra livraria da cidade, a Pontes, também experimentou nos últimos anos um crescimento substantivo no seu volume de negócios. “A venda de livros caminha bem, dentro das nossas projeções”, estima Carlos César Trausula. E a estratégia da Pontes — que dispõe até mesmo de um sofisticado computador para controlar seu estoque, é simples: oferecer o maior número de opções possíveis ao leitor.

Mas um dado interessante, é que a procura, mesmo com a ascensão dos autores nacionais, ainda recai em maior número para os estrangeiros. “Uma proporção de quatro para um”, contabiliza Wilma Maganani, também da Pontes. No topo da preferência, estão é claro, os best-sellers e com larga margem de vantagem para os romances açucarados do tipo Sidney Sheldon.

#### Sebo, opção esquecida

Mas se as Livrarias conseguem manter as vendas mesmo com a crise, o mesmo não parece estar ocorrendo com os “sebos”, uma opção natural para quem tem que conciliar o orçamento reduzido com a sede de cultura. “Tivemos nos últimos anos uma redução em torno de 30% em nossas vendas”, avalia dona Marilsa Mussi, que há oito anos é proprietária do “Livrão”, na galeria Barão Velha.

E o que parece ter contribuído mais para isso é o preconceito, já que segundo dona Elisa, mesmo tendo a chance de encontrar boas obras por até metade do preço das livrarias, muitos deixam de comprar nos “sebos” só pelo fato de estarem adquirindo um livro que já foi manuseado anteriormente por outra pessoa. Porém, não são todos os que pensam assim e, com uma clientela formada por professores universitários e aposentados, o “Livrão” oferece desde obras já não mais encontradas no mercado a livros editados recentemente.

“Não trabalho com obras raras, mas sim com livros que têm maior aceitação junto ao público. Mesmo assim o número de compradores caiu”, explica dona Marilsa que tem sua fala interrompida por um senhor que remexe as prateleiras a procura de alguma obra para sua biblioteca. “A verdade é que o campineiro não lê”, conjectura. “Senão como explicar que obras como as que encontramos aqui ficam encaçadas na prateleira?”, questiona o homem que depois se identifica como Milton Segurado, professor universitário e que há vários anos é um assíduo frequentador de sebos.

#### Biblioteca cheia

Mas nem tudo parece confirmar a tese do professor Milton. Uma visita a biblioteca Pública

Municipal — localizada atrás da Prefeitura, revela que o interesse pelos livros não é tão restrito assim. “São quase mil pessoas que passam por aqui diariamente”, explica a coordenadora da biblioteca, Neide Lucarelli.

Embora a maioria deste público seja composto de jovens à procura de subsídios para os trabalhos escolares nos quase 50 mil volumes dispostos nas prateleiras, existe também um grande número de pessoas que recorre ao serviço de circulação da biblioteca para retirar obras que possam ser lidas em casa. Só neste setor, há um fichário com 52 mil nomes inseridos.

O maior problema enfrentado pela coordenadora no entanto — além da falta de verbas para am-

pliar o acervo — é com relação à conservação dos livros. São inúmeros os casos de “leitores” que por puro vandalismo chegam, propositalmente, a rabiscar e arrancar páginas das obras. Contra isso a biblioteca pública pouco pode fazer, a não ser o trabalho incansável de

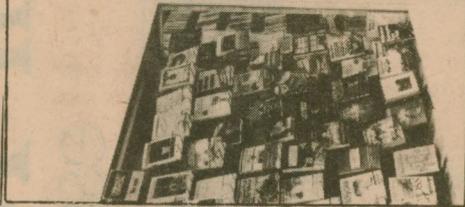
recuperação a cargo de duas antigas funcionárias — dona Maria Inácio e dona Palmira — que executam a restauração dos livros danificados. Fiscalizar? “É impossível”, diz a coordenadora da biblioteca. Lamentável, completariam nós.



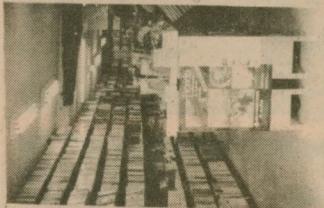
# LIVROS



As livrarias  
recebem  
hoje um  
público  
bem  
variado.  
De jovens  
a donas-de-  
casa.



## LIVRARIA



Reflexos dos novos tempos:  
as livrarias assistem a  
uma expansão dos negócios.



A  
preferência  
do público  
ainda  
recai sobre  
os autores  
estrangeiros